

A AMERICA

ASSIGNATURAS
CÔRTE
Anno... 6\$000

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFICA,
LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA
ADMINISTRADOR — FILINTO D'ALMEIDA

ASSIGNATURAS
PROVINCIAS
Anno... 7\$000

Anno I | Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1880 | Num. 6

A AMERICA

Rio, 5 de Janeiro de 1880

MEIO CIRCULANTE

Os homens, bem como as nações e todo o universo, tem tres tempos em sua vida: o presente, o passado e o futuro.

O passado, o presente e o futuro dos homens em suas relações sociais devem pois ser meditadamente considerados pelas sciencias sociologicas.

A Economia politica, sciencia cujo fim é a investigação para o conhecimento das leis que regem as relações de troca, comprehende a actividade humana em seus tres tempos, e aproveita, no presente, os fructos do trabalho dos homens nesses tres tempos, symbolizando — o passado no capital realiado isto é a moeda — o presente no trabalho actual — e o futuro no credito, que antecipa os fructos da actividade futura.

A moeda na mão de um individuo indica um trabalho pago realiado por elle, pelos seus antepassados, ou por alguem que lhe deu ou emprestou; um titulo de credito evidencia que alguem, carecendo de meios para as suas despesas ou para augmentar a sua força productiva, saccou sobre os fructos de sua actividade futura ou sobre a sua renda porvir para as suas necessidades presentes. Mas os titulos de credito, embora symbolisem o futuro, são desde o momento de sua existencia objecto de compra e venda isto é são permutados por mercadorias ou por moeda; podemos portanto dizer que os titulos de credito, tornando presente um valor futuro addicionam-se ao capital existente augmentando as forças das fontes de produção, acelerando e desenvolvendo a circulação das mercadorias, promovendo enfim por todos estes meios o progresso da riqueza nacional, quando bem concebidos, isto é, quando creados sobre valores futuros que se realisam no tempo previsto, e dentro dos justos limites, a saber do poder actual consumidor da nação, ou por outra da maxima circulação

que podem ter em um paiz as mercadorias no tempo dado, ou addicionam-se ao capital existente, causando as maiores desgastas, as grandes crises e as horriveis bancarrotas, que tem periodicamente commovido as nações civilizadas, quando mal concebidos, e quando creados além dos limites assignalados.

Sobre estes principios de tal evidencia que os consideramos axiomas economicos, e admiramo-nos de que não sejam ainda universalmente reconhecidos, assenta-se a verdade da theoria e pratica da moeda.

De sua pretensão já no proprio systema monetario entre nós adoptado, isto é, o papel moeda inconvertivel, já nos actos do governo, que inconsideradamente augmenta e diminua a massa do meio circulante existente conforme as necessidades do Estado, e não segundo o poder consumidor da nação, ou as exigencias da circulação das mercadorias, provem as alternativas da alta e baixa do cambio que constantemente experimentamos, as repetidas crises porque passamos e os amargos abalos que soffre o commercio com prejuizo de toda a nação.

A economia politica, como toda a sciencia tem leis naturaes que regulam os seus phenomenos os quaes não podem ser impunemente contrariados, temos dito em todos os nossos escriptos economicos, repetimos aqui e o repetiremos sempre, porque ha ali um principio de vital importancia. Toda a sciencia do homem consiste em conhecer essas leis para aproveitá-las e dirigil-as ou acondicionar-se a ellas quando não poder dirigil-as.

Neste paiz são as leis economicas completamente desconhecidas e por isso contrariadas, d'ahi todas as perturbações e as confusões que soffrem as relações commerciaes, a riqueza e o credito da nação, d'ahi manifestação de todos estes phenomenos inteiramente contrarios a expectativa do legislador e do governo e em frente dos quaes elles passam, estabelecem-se e andam ás tontas como um navio sem leme sem querer todavia confessar o seu erro, a sua confusão presente.

Cada acto suggerido traz uma nova perturbação, as finanças complicam-se, a palavra economia sabe de todos os

labios. Para realisa-la empregam-se todos os meios, suga-se com maior pressão o sangue do povo por meio de novos impostos, reduz-se o consumo na razão deste augmento, diminui-se o numero dos trabalhadores, reduz-se-lhes os salarios e provoca-se assim a revolução.

E' necessario que saibam que a economia tem um limite que, quando pertinz e cegamente excedido, provoca as maiores crises. Não é com ella que salvar-se-ha as finanças; mas restabelecendo o verdadeiro systema monetario, reorganizando o credito, segundo as leis que o governam, respectando assim as leis economicas.

A razão, a evidencia e a experiencia concorrem para demonstrar esta verdade.

Factos de identica qualidade embora de maior intensidade collocaram nas mesmas condições em que nos achamos, a França em 1694 e durante a revolução franceza, a Inglaterra por diversas vezes desde 1790 até 1847, os Estados-Unidos, durante as grandes convulsões monetarias de 1837 a 1839, a Escocia durante as suas crises monetarias, e todos os mais paizes civilizados. Quaes os meios que empregaram, como saliram destas difficuldades, eis o que deveriamos estudar com accurada attenção, eis o que não se faz nem se cogita fazer.

Será pois nosso trabalho, tendo apresentado neste e no anterior artigo os principios gerais que governam o meio circulante, demonstrar até á evidencia, o erro em que tem os nossos governos laborado até aqui, erro que nos levará a bancarota se não for corrigido em tempo.

Joaquim Mattoso.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorias d'economias das fabricas e officinas.

(Vide nos. 1, 2, 3, 4 e 5)

VI

Historico das caixas economicas escolares

Estas noções gerais resaltam tão bem da natureza do homem que, desde seculos, os pais de familia cuidadosos da educação moral de seus filhos instituíram no lar domestico o exercicio na economia das creanças: é o *migalheiro*, do qual os museus de ceramica nos apresentam amostras de origem muito antiga.

Além da familia, pessoas caridosas, dedicadas aos orphãos, ás creanças vagabundas, abandonadas ou negligenciadas, têm tido por vezes o mesmo cuidado: assim, troncos de economia foram em outro tempo estabelecidos em New-York nos *refugios* ou *asyls* abertos de noite ás pe-

quenas industrias das ruas; e pelo fim desse seculo, em 1798, Mme. Peisoilla Wakefield, organisou e dirigio ella mesma uma Caixa economica para as creanças e para as mulheres da sua aldeia de Tottenham (Inglaterra.)

No lar da familia ou do hospicio, este instrumento de educação devia, como os outros, penetrar na escola. E elle ahi tomou logar, pouco depois da grande lei da instrução primaria de 1833, que tinha chamado a attenção publica sobre todas as questões de educação popular.

Já em 1818, nesse anno em que começou o primeiro movimento de propagação das Caixas economicas em França um professor da Escola polytechnica, M. Francoeur, apresentava á Sociedade para o progresso da instrução elemental (setembro de 1818) uma memoria onde elle considerava a Caixa economica como um dos instrumentos da educação popular; e em 1819, o sabio geometra H. Navier tratava a mesma questão em uma memoria apresentada á Academia das sciencias. D'esta maneira a corrente das ideas impellia a opinião, e preparava a obra que devia realizar-se em 1834.

Segundo o inquerito universal que a Sociedade das instituições de previdencia de França provocou ha dois annos a esta parte em todos os paizes do mundo civilizado sobre as origens, o organização e a estatistica das instituições de previdencia, para o congresso scientifico de 1878, a *tentativa methodica de Caixa economica escolar mais antiga* que se conhece é aquella que se verifica, a 4 de Maio de 1834, na escola municipal do Mans (Sarthe.)

Ha interesse historico e patriótico em notar aqui alguns extractos dos documentos relativos a esta criação.

Em uma pequena obra impressa em 1834, no Mans, por Mosmeyer, e intitulada: *Leituras diversas em uso na escola municipal do Mans*, por M. Dulac, *cavalleiro da Legião de honra e offizal de instrução publica*, o auctor M. Dulac, assim se exprime:

« Entre os differentes meios aos quaes temos recorrido para chegar-mos ao nosso fim de educação moral com os alumnos que nos são confiados ha um que julgamos util lembrar: é o deposito das pequenas economias de nossos filhos adoptivos na Caixa economica e de previdencia. Para facilitar as entradas nesta Caixa estabelecemos na nossa escola, a 4 de Maio de 1834, sob os auspícios da administração municipal, uma caixa privada, na qual elles depositam as suas economias soldo por soldo, até prefizerem, um franco, para ser recebido na caixa departamental.»

A origem desta Caixa economica escolar é ainda verificada pelo Buletim administrativo da cidade do Mans e do departamento da Sarthe, onde se lê a menção seguinte, sob a rubrica: *Anuncios administrativos*.

« Terça-feira, 27 de Maio de 1834. — Casa da Camara do Mans: A Caixa economica estabelecida no Mans para o departamento da Sarthe na casa da camara, e que começou as suas operações a 27 de abril ultimo, recebem, na data

Nos seguintes meios, o maior do Maus, presidente da Caixa econômica, publica no mesmo Buletin notas analógicas, onde figuram sempre alunos da escola mutua entre os depositantes.

Em 1839, M. Delessert, presidente do conselho dos directores da Caixa economica de Paris, publica um relatório onde menciona com interesse a combinação praticada na escola mutua do Nans.

A instituição não tinha ainda adotado completo o seu método, que devia tornar a prática fácil e segura, não pedindo ao instituidor senão um trabalho econômico e curto, e não lhe impondo uma responsabilidade incompatível com a sua situação. É necessário ainda fazer esta justiça a M. Dulac que elle tinha compreendido que o método era a própria instituição, e que não se devia senão uma obra pessoal.

M. Dulac chegou mesmo a imaginar uma prática que parece muito recomendável em todas as localidades onde ela é possível, e que já, depois de 1874, algumas escolas têm adoptado: quando um alumno completa a primeira vez a somma de um franco que lhe permitia obter a grande caderneta da Caixa economica, elle acompanhava a Caixa economica da cidade o professor encarregado de ir fazer os depositos e de receber as cadernetas: o alumno apreende assim o caualho da Caixa economica onde mais

A Caixa econômica escolar do Mans funcionou assim até à guerra de 1870. M. F. Bulac pediu a sua aposentação em 1 de Outubro de 1872, e morreu a 17 de Setembro de 1873. Na reabertura das aulas em 1 de Outubro de 1874, o seu sucessor, M. Grassin, ressaltou em a Caixa econômica escolar na Lorain porque hoje está adoptada em França desde 1874.

(Continued)
(Continued)

Il **politic** d'Wortun. **course** de **Economia**
politica **am** **Collegio** de **Francia**

(Conclusão)

e das causas e temas. [...] Galvão não viveu e foi ministro cerca de meio século depois do outro, estava de tal maneira imbuído do preconceito de que acabou de foliar sobre os dois meios que serviu para fazer a obra, que agitou na sua correspondência um bilhete com recordações e que é em toda a casa conforme se vê o copia de sua administração.

« En fiqueí, disse-lhe elle, um pouco admirado de que não tivesse avisado, visto que sabião que não ha nada que possa ser mais agradável ao rei do que semelhantes noticiis. Não deixeis, pois, de fazer e por a futuro! »

O guspo de Sully é mais grave, porque complica-se de estranhos incidentes. Na crença de que os metes preciosos de que se faz a moeda são a própria riqueza da sociedade, o rei de França XV, príncipe excellentissimo, e Sully, o digno devotissimo de sua confiança, tinham renovado as editões que

proibiam exportações do reino, mantendo-se com grande rigor a constante observância d'estes edictos.

Sully sabe por uma denuncia interessada que uma exportação d'este genero se prepara sendo ella de somma importante. Sob o ponto de vista moderno, que é o da verdade, e que é a final o mesmo que aquelle dos povos da antiguidade, nada mais legitimo, nem mais conforme ao direito nacional do que semelhante operação. Exportar o ouro, é tão licito, tão útil, quando é feito sob o livre impulso do commercio, como exportar trigo, vinhos ou fazendas. Mas Sully, e o rei com elle, são victimas no mais alto grau do erro commum a seus contemporaneos. Aos seus olhos o acto de commercio que vai effectuar-se é um crime. A somma de prata que se exporta e que é consideravel é toda confiscada. Ella é apprehendida depois de ter transposto o solo francez, e estando em territorio estrangeiro, o que foi por consequencia não só uma violação do direito, como uma acção tão irregular como aquellas das ladões de estrada. — A somma foi dividida entre o rei e o ministro, excepto a parte reservada aos denunciantes; Henrique IV afim de pagar as suas dividas de jogo, e o seu ministro para augmentar suas terras. E' o proprio Sully quem conta ingenuamente a aventura nas suas *Memorias*.

Seguindo a mesma corrente da opinão, tinha-se organizado a respeito do commercio internacional, uma especie de theoria, que tinha por titulo o *balanço do commercio*, e que era admittida por todos os governos. Tinha ella a desenvolver indefinidamente as exportações de cada nação ao passo que restringia as suas importações, afim de que o soldo fosse recebido em numerario metallico; systema chimerico, desde o momento que fosse adoptado por todos os povos, porque então os esforços de um paralisavam os de outro; systema que repugna á razão, porque cada povo não pode pagar o que compra aos outros senão com as suas proprias produções, de forma que os povos vendedores são obrigados a aceitar sempre em pagamento os productos dos povos compradores, sob pena de não serem pagos; systema que tem contra si o testemunho da historia, porque não se vê que as nações que tem possuido minas de ouro e de prata, tenham sido mais prosperas e mais poderosas do que as outras.

O facto é que a riqueza tem por unica origem o trabalho, e que consiste nos productos dos trabalhos dos povos. E' preciso, porém, a respeito d'esta palavra — trabalho, entender-mo-nos. O trabalho não é só o esforço manual, o esforço muscular. Muitas vezes o trabalho do homem é principalmente material, mas a intelligencia e o saber associam-se-lhe cada vez mais, e é isso o que dá a honra e a superioridade. O trabalho do homem, nas sociedades civilizadas dos tempos modernos, que são livres e querem consolidar a sua liberdade, é acompanhado e esclarecido pela sciencia; elle é mantido e fertilisado pelo capital, que

é suscitado pela economia. A doutrina e o systema dos governos ciosos de desenvolverem a riqueza dos povos deve pois, consistir, não em presumptuosas tentativas para atrahir e reter o ouro e a prata no paiz, mas n'um conjunto de medidas combinadas de maneira a obter os seguintes resultados: desenvolver de uma maneira geral a intelligencia dos povos e enriquecê-la de noções scientificas applicaveis ás artes uteis, animar a economia, dar toda a segurança do capital e livrar o trabalho e o espirito empreendedor de barreiras que lhe oppunha o antigo regimen.

Por seu lado, tem os povos que fazer muito no mesmo intuito; devem prazear o trabalho e praticar-o regularmente; devem procurar com empenho cultivar o espirito; devendo observar com attenção, na pratica os costumes estabelecidos, são e honrosos, mediante os quaes a economia é facil.

Não receio affirmar-o, a cooperação dos povos modernos no desenvolvimento da riqueza publica e privada é ainda mais indispensavel do que aquella dos governos da qual, portanto, ainda ha muito a esperar. Terei occasião de vol-o repetir muitas vezes, porque, se ha para a economia politica uma maxima favorita, uma regra que lhe agrada ensinar aos povos e aos individuos, é aquella que se resume n'estes termos:

Ajuda-te, que o céo te ajudará. E' com estas palavras, senhores que terminarei. Possam ellas fixar-se nos vossos espiritos! Meditai-as, e quando vol-as tiverdes bem apropriado e quando tiverdes calculado bem o alcance e as consequencias, sereis, quasi bons e uteis economistas.

A LIBERDADE RELIGIOSA

Uma outra idéa, porém, tem dominado completamente este debate; e com magoa a tenho escutado em todo o seu desenvolvimento, sem perder um só discurso; uma idéa, que todos tem proclamado como um bem inextinguivel e ineflavel. Esta idéa, é a unidade, ainda a unidade e sempre a unidade. Certamente, a unidade é um grande principio, mas a unidade não existiria no mundo sem a variedade. Sem a unidade, não haveria o universo, como não haveria a vida sem a variedade. Alongai o vosso pensamento sobre a natureza e sobre a alma, e ahi vereis a confirmação desta verdade: o enlace eterno da unidade e da variedade. A maior das descobertas modernas é o espectro solar, que prova que ha identidade entre a materia da mais longinqua nebulosa e a materia que espezinhámos: mas esta materia unica diversifica-se em sóes, em planetas, em cometas, em aerolithos, e, sobre o umbral da vida organica, em organismos innumeraveis. A força é uma, e um grande genio ponde mostrar a relação mysteriosa que une o movimento

em virtude do qual um corpo calhe por terra ao movimento que lança a lua em volta da terra, como a alma de uma harmonia que seguisse o seu amante; mas esta força diversifica-se depois do estranhamento da vida que bate sob a fonte até à scintilla electro magnetico do artista que sculpta e grava. O oxygenio é o unico corpo comburent, não ha outros no céu nem sobre a terra; e no entanto quantas luzes diferentes, desde o scintillamento da estrella no infinito até à phosphorescencia do sulco no mar.

O principio catheolico é um, é um corpo elemental; mas que differença não ha entre o carvão de pedra que fumeja pelas chaminés das nossas locomotivas e o diamante que resplandece sobre os cabellos de nossas damas! Da mesma maneira, a religião, é uma; a necessidade que impelle o homem para Deus é em toda a parte a mesma; mas as religiões são variadas, multiplices e diversas. Quando, em que epocha da historia visteis vós uma unica religião? Duas utopias ensanguentaram a terra e amontoaram sobre ella montanhas de cadaveres: a utopia de uma só nação para todos, e a utopia de uma unica religião.

O christianismo é « ondante e diverso. » Os povos orientaes da Europa unem-se na religião grega, os povos occidentaes na religião latina. As raças germanicas, essas distinguem-se; ellas abandonaram a metaphysica da Igreja grega, a religião imperial, unitaria, canonica da Igreja latina, por uma religião onde predomina a consciencia individual, por uma religião essencialmente individualista como é a sua physiologia, a sua historia, a sua politica, o seu genio. A vossa religião catholica ella mesma, que adoraes, que en respeito profundamente, quando, em que epocha, foi ella uma? E' preciso que haja heresias, disse S. Paulo. E o tanto é que sempre as houve. Sobre a propria campina de Christo, Simão o nigromantico; ao pé dos apologistas, os gnosticos; em face de Santo Agostinho, Pelagio; em face de Constantino, Arius; no dia do estabelecimento espirital do papado, a Igreja do Photius; no dia do seu estabelecimento temporal, a contestação das Investiduras; quando se armam as cruzadas, a voz de Paraclet reclama a independencia da razão humana; no momento em que S. Thomas escreve o seu Epitome theologico, a grande encyclopedica catholica, apparecem os Albigenes; quando se acaba o captivo de Avinhão, tantas veas comparado ao captivo de Babilonia, a autora da reforma levanta-se contra a Alemanha, a Suissa e a Inglaterra; quando se reúnem os concilios ecumenicos de Constança e de Basilea, com as heresias de João Huss e de Jeronymo de Praga, eis que se ouve o satânico rufar d'esse tambor feito de pelle humana, diz a legenda, chamando os povos da Boemia á communião sob as duas especies; na Renascença, n'esse grande esplendor das artes, quando nasce e se dilata a nova terra, toda essa criação nova entre-

que ao baptismo da fé catholica, a voz de Lutero vem interromper tudo; em fim da epocha pontifical do XVII, que, annunciada por S. to q. no fim do precedente seculo, foi ainda aggravada por Luiz XIV, são os galicanos e os jansenistas; no seculo XVIII, é a realza assente sobre a cadeira de Pedro; no seculo XIX finalmente, diante dos neo-catholicos levanta-se o velho catholicismo, e com elle os maiores pensadores, os bispos mais eminentes: prova flagrante que a unidade despotica nada pode contra a lei da variedade, cujas ramificações brotam na consciencia, na natureza e na historia. (sensação)

Mas diz-se: Em todo e caso a unidade foi um bem para a Hespanha. Eu resolvi não citar os nomes das pessoas que tomavam parte n'este debate, porque ser-me-hia necessario mencioná-las todas, e o esquecimento de uma só implicaria um desdém que está muito longe do meu pensamento. Vós todos, porém, tendes ouvido d'esse lado da Camara jovens e eloquentes oradores invocar as glorias hespanhicas, para demonstrar que ellas eram devidas exclusivamente á unidade catholica. Um d'esses mancebos muito eloquentes que assim fallaram, se a Camara, como creio, lhe prestou a mesma attenção que eu lhe dediquei, esse mancebo acerescentou: A Roma foram precisos tres seculos para nos vencer, e Roma era o destino; a generaes como Annibal nós temos opposto Sagunto, aos vencedores do mundo, Numancia; se Augusto não ponde fechar o templo de Janus, foram os nossos montanhizes do norte que lho impediram, e se Agrippa não ponde levar a Roma o testemunho da sua victoria sobre os Cantabrias, é porque os nossos heroes abriram as entranhas de seus navios, e abysmaram-se nas vagas, para não passarem debaixo dos arcos de triumpho, para não atravessarem a ira sagrada sob o daplo pezo das suas cadeias e da sua affronta.

Pois bem! a esses moços que, a seu pezar, talvez, mas para gloria minha, tem assistido aos meus cursos e são meus discipulos (Risos), prova que os discipulos não aceitam tão facilmente como se acredita o ensino do mestre, a esses moços repito, eu quero estabelecer-lhes uma questão muito simples.

(Continua.)

IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

III

Em caminhava ao lado da virgem.

No fim de alguns instantes entramos na cidade, por uma rua estreita e completamente deserta.

Quando iamose desembocar em uma praça brilhantemente illuminada á gaz, a virgem fez-me parar e convidou-me a entrar em uma casa, á nossa direita.

Era um edificio immenso e que seguramente remontava a mais de um seculo.

Aproximamo-nos da porta, e esta abriu-se á nossa chegada, como por encanto.

Dissereis uma dessas portas mysteriosas, de que nos folla o narrador oriental.

Penetramos em um corredor mal allumiado por uma lampada de cobre, que pendia do tecto, e a virgem dando-me a mão, continuamos a andar.

O corredor era bastante comprido e tinha muitas portas á direita e á esquerda.

Quando estavamos quasi em seu fim, a virgem chegou-se a uma dessas portas e esta abriu-se, como já se abria a da entrada, deixando apparecer á nossa vista um pequeno quarto de dormir, cujo limiar atravessamos.

Em um aposento muito pobre: tinha por mobiliá um leito á direita da entrada, uma mesa caracolhosa no fundo e um velho babú a um canto; mas em compensação de tamanha miseria via-se á cabeceira da cama uma pequena imagem de Christo crucificado, esse symbolo grandioso da religião christã.

Uma cadeira de ferro dependurada na parede e derramando pallidos clarões, allumiava vagamente estes objectos.

Sobre o leito, meio deitada com a cabeça descansada no encocho do catre e os braços cruzados sobre o peito dormia uma mulher, que naturalmente era moça, porém tinha na fronte os traços característicos de uma velhice precoce.

Era clara e parecia ter sido formosa.

Estava coberta com uma manta, que de tão velha, mal dissimulava a ausencia do lençol.

Tudo respicava miseria.

A virgem aproximou-se do leito e voltando-se para mim disse:

— Vês esta mulher? pois é uma desgraçada como muitas outras que andam por ali. Atacada ao mundo por um libertino que a seduziu, ella passou por todos os degraus do vicio, tendo suas alturas e baixas, conforme o amante a quem se entregava.

Durante doze ou quatorze annos passou a vida mais triste possível; teve amantes de todas as classes sociaes, arrestando com ellas um viver ignominioso.

Cançada dessa existencia de agitações, ella amou com paixão e até com delirio, a um homem a quem por ultimo se ligara.

Como esses pobres insectos, que queimam as azas de encontro á luz, assim esta infeliz decahiu para sempre, ao contacto do homem a quem amou, pois elle era um desses brutos, que de humano tem a forma.

Ao principio tudo eram flores e risos; ella julgava-se amada e vivia alegre, mas em breve o tédio invadiu aquelle que ella desejava conservar unido ao seu destino, e o viver de ambos tornou-se insuportavel.

O seu amante, homem de natureza má, comprazia-se com o mau trato que lhe dava e até chegou a espancal-a em publico; mas a mesquinha o amava muito.

Um dia elle deixou-a para sempre.

Então é que esta infeliz mediu a sua ruina.

Seu desaturado amante levou consigo tudo quanto lhe dera: a mesquinha ficava sem nada e cheia de dividas!

Só e abandonada, ella passou toda a sorte de privações, e além disso todas a tratavam como a um ente objecto.

Quiz recorrer á caridade publica, mas esta a desenganou, repellido-a com horror.

Apezar da desassidão em que se esgolfava, ainda lhe ficara um resto de pudor.

Procurou trabalho e uma familia caritosa ficou deus.

Resolvida a mudar de vida atirou-se com ardor ao seu novo e honesto genero de existencia.

Vive hoje completamente ignorada de todos, e, no silencio, entre estas quatro paredes, chora continuamente a sua deshonra, lamentando-se de sua ignominia.

Como todas essas mulheres que se atiram á prostituição, ella teve um justo premio de sua devassidão.

A virgem calou-se.

Sua voz ao principio divinamente melodiosa, tornára-se pouco a pouco metallica e vibrante.

A mesquinha, a pobre Magdalena decahida, continuava a dormir.

A virgem tomou-me a mão e me fez sair d'aquelle desnudado theatro, onde o vicio se amanhava e que agora era como que uma especie de remorse, aquella que ali barateara seu corpo á mercê de qualquer quantia.

No fundo do corredor havia uma escada, subimos por ella, atravessamos uma sala e penetramos em um vasto quarto de dormir, perfeitamente alluminado por um globo de vidro, cuja porta se abria á nossa chegada, como já havia acontecido com as outras duas.

Aqui a scena mudava-se.

Era um aposento que apresentava um mixto de opulencia e miseria, pois se aqui via-se um moval de sabido preço, alli notava-se a ausencia de um outro.

A' direita da entrada erguia-se um leito de amplas cortinas cor de rosa perfeitamente fechadas.

A virgem aproximou-se desse leito, desceceu as cortinas e uma mulher ainda mais nova appareceu á nossa vista.

Era formosa.

Tez alva, mas um tanto macilento, talvez por alguma

enfermiçosa; nariz aquilino, boca pequena e mãos aristocráticas.

Esta mulher estava negligentemente deitada e dormia um sono suave.

A virgem pôs-lhe a mão na fronte e voltando-se para mim, disse:

— Eis aqui uma representante do vicio em alta escola: corteza dissoluta, mulher para a qual a opinião publica é uma coisa vã, ella tem desenfreadamente trilhado a estrada do vicio com o maior cynismo, distribuindo sorrisos a todos aquelles que encontra em seu caminho de perdição.

Nesse momento a corteza estremeceu, e eu temendo que ella acordasse adverti a virgem:

Esta socegou-me, dizendo:

Nada temas, ella está sob a influencia magnetica que exerce sobre todas as pessoas em que a quero empregar.

Queres ouvir a sua historia?

— Sim! respondi-lhe.

A virgem passou a branca e fina mão pela fronte divinal e dispoz-se a fallar.

Continua.

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

A CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. E. DAS NEVES

V

Armam-se os pretos em guerra por causa de pedir fogo para acender um cigarro.

Não havia tempo a perder. Formei os 17 caçadores com o Manóva, o meu vice-legar-tenente e dois criados que também tinham espingardas. As armas estavam carregadas com bala; porém eu mandei augmentar a carga com balaúdas, ordenando aos chefes das carregaduras que se mettessem em linha na nossa retaguarda com todos elles, para d'este modo o inimigo os tomar a todos por caçadores. Depois de formados observei aos caçadores que era absolutamente indispensavel obstar a entrada do inimigo na povoação que n'aquelle momento simulava uma fortaleza, cujo accesso era necessario defender a todo o transe. Adverti-lhes mais, que quando o inimigo chegasse ao alcance de tiro de espingarda, seria intimado para parar, e se elle insistisse em avançar, eu dispararia a minha arma sobre o chefe. Seria esse o signal para os caçadores descarregar em sobre elles, porém só cinco tiros de cada vez. Este alvitre foi approved pelo Manóva e por todos os caçadores.

Quando o inimigo já estava proximo, avancei com os caçadores para a extremidade da povoação, do lado donde elle vinha.

Marchavam sobre nós entoando cantos de guerra, de casaca com assobios e pulos batendo com as rodellas nos joelhos e brandindo os ferros selvagens. Chegados a distancia de cerca de 120 metros, intimou-os para pararem, observando-lhes que se continuassem a avançar, faria fogo, e o chefe seria o primeiro a perder a vida.

Em vista d'esta intimação e da attitude dos caçadores, que tinham as armas apontadas para elles, pararam. Perguntei-lhes então o que pretendiam de mim. E com arrogancia propria de selvagem, respondeu-me o chefe, que vinha exigir-me uma reparação das offensas corporaes que eu havia feito a dois filhos do Modai, e que se eu me demorasse em entregar-lhe 50 cargas de fazenda, como indemnisação, entraria na povoação dando a morte a todos nós.

— A intimação que acabas de fazer-me, lhe disse eu, é mais facil de dizer do que de executar. Entretanto esta situação não pôde prolongar-se. O tempo vá e eu quero ir hoje pernolitar na povoação do Gingetan. Ficae sciente que nada conseguireis pela força. Se quereis tratar amigavelmente commigo, vinde cá acompanhado de dez pessoas, o maximo. Do contrario, sendo retrocedais, mando fazer fogo sobre vós.

Terminadas estas palavras, os carregadores proromperam em gritos entusiasticos, entoando os seus cantos belicosos, acompanhados de assobios e grandes pulos, e brandindo as azagaiaes em ar de desalio. O chefe do bando, depois de breve conferencia com os seus, adiantou-se para a povoação, acompanhado de cinco pretos dos mais graduados d'entre elles. Mandeí ao seu encontro o meu vice-legar-tenente acompanhado de dois criados, afim de os conduzir a minha presença. Recebi-as sentando debaixo d'uma arvore. Trocados mutuamente os cumprimentos, fiz-lhes signal de se sentarem também.

Houve um instante de silencio, que foi o primeiro a romper, começando por contar-lhes a causa que determinara o incidente com o preto, demonstrando-lhes que toda a culpa provinha d'elle, pois que me havia insultado grosseiramente; acrescentando, todavia, que para terminar amigavelmente a pendencia, não tinha dorida de fazer algum beneficio ao preto. Em acto seguido entreguei ao chefe do bando uma paga e duas capelanas.

— Em presença das explicações que o Melungo (branco) acaba de dar-me, respondeu elle, está terminada esta contenda. São más, na verdade, as palavras que o rapaz lhe dirigio. Continue pois o Melungo a sua viagem e seja feliz. No regresso, querendo passar por esta terra, de que eu sou o chefe, tem ás suas ordens a minha povoação. Terei muito prazer em recebê-lo. Vejo que o

melungo é odnuna. (1) Os brancos que aqui costumam vir são vassate, (2) que não sabem respeitar-se, nem fazer respeitar as pessoas que os acompanham.

Terminadas as explicações, pedi ao chefe que mandasse chamar o rapaz que levára com o tição, afim de lhe lavar a ferida com aguardente, para evitar que ella se agravasse. Elle expediu promptamente um ajudante não só para chamar o rapaz, como para fazer retirar o bando. Pouco depois voltaram os dois, e com elles outros pretos, já desarmados. As mulheres e crianças que haviam fugido também recolheram.

Não tinha nenhuma gravidade a ferida do preto; mas não obstante dei-lhe uma pouca de aguardente, e dei ao rapaz dois calices para beber, o que elle fez tão sofregamente, que nem mesmo lhe tomou o gosto. Depois presenteí o chefe com duas capelanas, dando-lhe também dois calices de aguardente.

Assim terminou o episodio, que podia ter tomado proporções muito deploraveis, se não se desenvolvesse tanta energia.

Sai da povoação pelas 5 horas. O chefe acompanhou-me até a passagem do rio, onde se despediu de mim, reiterando os offerecimentos que me havia feito.

(Continua)

A IGREJA E A INSTRUÇÃO

III

Instrução Obrigatoria. Escolas Imperiaes

Foi em Moguncia, em 813, que pela primeira vez se proclamou o principio da obrigação. O synodo dá ás familias não o conselho mas a ordem de enviarem seus filhos alli onde elles podem ser instruidos.

A escolha do estabelecimento era livre. Os paes podiam preferir os conventos ás escolas imperiaes: elles tinham o direito bem legitimo de satisfazer a sua preferencia; e nas escolas, assim como nos conventos, a instrução religiosa acompanhou os estudos scientificos.

As familias podiam também confiar seus filhos a padres que os instruiam em suas casas. O synodo dizia formalmente: « Cada um deve enviar seus filhos á escola, a um convento, ou a qualquer caso de padre. »

Em toda a parte, pois, a instrução era christã; por toda a parte, a par dos principios da sciencia profana, explica-

vam-se os dogmas da religião. — A sciencia em todas as suas applicações parecia tão intimamente unida á religião que pessoa alguma teria ousado tentar separal-a. — A instrução obrigatoria tal como hoje a propõem, differe pois da instrução obrigatoria tal qual ella foi comprehendida no seculo IX.

Uma comprehendia exclusivamente a sciencia profana ensinada pelos seculares unicamente; a outra comprehendia, ao mesmo tempo, a sciencia profana e a sciencia religiosa ensinada fosse pelos seculares, fosse pelos clerigos.

Desde 813, a Igreja tem um desejo tão vivo de ver a instrução diffundir-se, que ella colloca no mesmo pé a obrigação d'enviar á escola, e o dever de conhecer o symbolo da fé christã, assim como o Padre-Nosso.

Uma mesma decisão editando as duas ordens, parece que a sancção de uma foi também a sancção de outra; parece que o « jejum e outras penitencias » com as quaes se podia punir as pessoas voluntariamente ignorantes das duas supplicas catholicas, podiam também ser pronounciados contra os pais quando elles negligenciassem de mandar seus filhos ás escolas.

O synodo dá uma tal importancia a esta ultima prescripção que depois de a ter formulado na decisão 45, elle a renova na decisão 47.

Todavia este ultimo artigo completo o primeiro; não que elle fosse ou mais ou diversamente severo; mas elle impunha aos padrinhos a mesma obrigação que aos pais.

A ordem referia-se assim a um grande numero de pessoas, porque, durante muito tempo, dava-se ás creanças não um, mas muitos padrinhos; os concilios tiveram muitas vezes de prohibir que se dessem mais de tres.

Os esforços da Igreja tenderam a um successo real.

A Igreja também quiz augmentar ainda o numero das escolas e formar professores notaveis.

Segundo os paizes, as deliberações synodaes accusam uma preocupação differente. Assim, em França, mesmo em Paris, os bispos reunidos em Concilios dicigem uma supplica a Luiz — Affavel: « Nós pedimos, diziam elles, que, a exemplo de vosso pai (Carlos Magno), vós erijaes em tres lugares pelo menos do imperio escolas publicas e imperiales. »

Esta supplica, formulada em 829, testemunha o augmento notavel do numero dos alumnos.

Em Valença, pelo contrario, em 855, o mesmo synodo schismatico, que já nos deu a conhecer a extrema ignorancia de alguns membros do alto clero, confessa que « as escolas estão em ruinas »; elle excita os bispos a promulgar leis a respeito d'essas escolas onde se ensina — quer seja « a sciencia ecclesiastica, ou seja a sciencia profana ».

(1) Odnuna — no sentido figurado significa — homem valente.

(2) Vassate — mulheres; titulo que os pretos applicam aos homens fracos ou covardes.

Por fim, mesmo em França, exhortações semelhantes se produziram. O Concilio de Paris menciona a frouxidão de alguns chefes de escolas religiosas. Eis o texto da decisão 30: «O piedoso imperador Luiz, já ha muito tempo que ordenou, que os rectores ecclesiarum (bispos) educassem nas suas igrejas intelligentes defensores do Christão; alguns, entretanto, mostram negligencia. Para o futuro, elles mostraram mais zelo. »

Isto dizia respeito evidentemente ás escolas onde se ensinava theologia.

Para obter dos mestres uma maior dedicação, dos superiores uma vigilancia mais activa e dos alumnos um trabalho mais assiduo, o synodo prescreveu uma medida da qual os effectos felizes não tardaram em produzir-se.

Ordem foi dada aos bispos de conduzir aos concilios provinciaes (que deviam ter lugar pelo menos uma vez por anno), os sabios formados na sua escola «afim de que esses sabios fossem conhecidos das outras Igrejas »

Era fazer nascer a emulação, entre os alumnos das diferentes escolas, e excitá-la entre os discipulos de um mesmo mestre.

No entanto, no seculo IX muitos mestres tinham adquirido uma nomeada quasi europeia, e tornado celebras as escolas que dirigiam.

Entre todos, pode-se nomear como um dos mais illustres, Rahán Maur, que, de 817 até 842, foi successivamente o magister e o abade do convento de Fulda. Em 847, elle foi eleito e nomeado archbispo de Moguncia.

No seculo IX, a instrução precisou mais do que nunca do apoio da Igreja e da sua iniciativa.

As divisões, as discordias, as luctas que se tinham produzido por occasião da morte de Carlos Magno ameaçaram por um momento todas as instituições creadas pelo imperador, a ponto mesmo de fazer recear a sua ruína.

De um lado apoiada sobre a Igreja, pelo outro suscitada pela mão poderosa do monarcha christão, a instrução pôde conquistar immensos dominios.

Lago que desapareceu Carlos Magno, a Igreja ficou sendo quasi a unica defensora d'esses dominios.

Não só ella os conservou, mas ainda e sem cessar os foi augmentando.

Discipulos educados pelos seus devesos, tornam-se por sua vez mestres habéis; e os recintos dos claustros e dos conventos parecem muito acanhados para conter toda a sciencia que alli se achava.

Essa sciencia tendo chegado á sua primavera, precisa de espaço e de luz.

Por isso, appareceu de repente as Universidades. Mas antes de fallar das Universidades, precisamos verificar a gratuidade do ensino.

PAULO ANTONI

Continúa

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

MR. CH. LEMONNIER

(Continuação)

O direito de associação é mais preciso ainda e sobretudo mais fecundo. A associação, quando é formada entre os patrões e os operarios, quer como verdadeira sociedade, quer pela admissão dos trabalhadores a um interesse nos lucros, sem que tenham parte nas perdas, é o melhor meio, segundo a pura justiça, a partilha do producto liquido (1) entre o capital e o trabalho. Que o producto liquido, proveniente de um trabalho executado, deva ser dividido entre os dois factores do producto o trabalho e o capital — é theoreticamente a prescrição imperiosa da moral, e praticamente o verdadeiro meio de assegurar a todos a accessão á propriedade.

Mas, quando trata-se de calcular o salario, como avultar antecipadamente um producto liquido que não existe, que não existirá talvez? Ha aqui uma difficuldade que a associação faz desaparecer, pois que ella espera, para fazer a divisão, a realisação efectiva da operação.

A associação, encarada de um outro modo, é o instrumento o mais effizaz de progresso, do qual o trabalhador possa urar.

Do que hemos acima exposto, sobre o principio da propriedade, resulta que o communismo, encarado como meio geral de resolver o problema social, é, de direito e de facto, o opposto á justiça e a negação mesmo do fundamento da moral e da economia: a autonomia e a responsabilidade da pessoa, mas se definitivamente o communismo deve ser dissipado quando encarado como questão que demanda uma solução geral, é evidente que o communismo estabelecido voluntaria, unanime, temporaria, convencionalmente entre as pessoas que mutuamente se conhecem, se apreciam e se confiam umas nas outras, deve, em muitos casos, conduzir os operarios a via desejada, e favorecer larga-

(1) O producto liquido é a somma de riqueza que deixa um trabalho qualquer depois da deducção: 1º em favor do premio da semma que representa o subsidio de sua pessoa, a reparação de suas forças e de sua ferramenta; 2º em favor do capitalista das sommas de seus dinheiros adiantados e do interesse de suas despesas.

mente o progresso pela propriedade individual da qual elle torna-se assim o protogonista.

O communismo, contra o qual já tardavamos mostrar que não sustentamos sentença absoluta está longe, aliás, de ser a unica nem mesmo a principal forma de associação. O campo das convenções humanas é infinito; conhecem-se os resultados benéficos que já tem produzido as sociedades cooperativas, principalmente as de consumo, e estes resultados estão longe de ser esgotados. O contracto de sociedade é, de todos os contractos, o mais favoravel ao progresso, porque de todos é o que melhor assegura o respeito da pessoa.

E' a mercê delle que podemos, no seio mesmo da sociedade brutal e imperfecta que nos rodeia, crear por convenção um mundo superior cujos membros, obedecendo à moral, podem, pela união de suas forças e harmonia de sua vontade, antecipar ao futuro e realisar entre si a sociedade ideal cuja concepção possuímos.

A par do contracto de associação, é preciso collocar o contracto de seguro, que, quando conserva sua verdadeira forma, a mutualidade, é no fundo, uma variedade do associação.

O seguro deveria, a nosso parecer, passar da categoria dos contractos privados propriamente ditos para a classe das medidas sociaes tomadas pela companhia, em proveito de seus membros. Esta materia de seguro tem necessidade de ser estudada e discutida melhor do que nós podemos faz-lo aqui. Entre as applicações as mais felizes que tem sido feitas, nós citaremos o exemplo, recentemente trazido à tribuna da assembleia nacional franceza, de um departamento em que o conselho geral instituiu e debaixo de sua vigilancia fez administrar uma mutualidade contra o incendio, cujos resultados dão uma tal economia que as propriedades departamentais sendo gratuitamente defendidas, à quota-parte dos outros seguros baixou a uma media mui fraca.

Este exemplo faz bem ver que partido se tirará do seguro mutuo quando se quizer constituir-lo por departamento ou, melhor ainda, por grupos departamentais.

Quando se pergunta em que o seguro pode facilitar a accessão à propriedade aos não proprietarios, responderemos que se é verdade que este contracto não pode prestar serviço algum à indigencia absoluta, seu effeito salutar se faz sentir em proveito de quem quer que tenha começado a capitalisação mais fraca, por isso que o resultado é precisamente annular as forças maiores que reuniam talvez para sempre o individuo reduzido a seus unicos recursos. A liberdade da permuta e da circulação não é por nós collocada na ordem das liberdades necessarias ao melhoramento social, somente porque a liberdade do commercio diminue o preço de todas as cousas, elevando as custas de produção ao melhor mercado possível.

Esta liberdade toca de mui perto a questão das subidas dos salarios. Permitta-se-nos chamar a attenção sobre a intima conexão dos tratados de commercio e das leis da alfandega com a questão social.

E' frequente que a impossibilidade relativa de elevar os salarios em um certo ramo de industria, em um certo povo, é devida às combinações de tarifas que dão aos fabricantes de uma nação visinha a faculdade de fazer aos primeiros uma concurrencia que impede-os de consentir o augmento que lhes é pedido.

Jámais, com effeito, os interesses do salario tem sido tomados directamente em consideração nas discussões que precedem a conclusão dos tratados de commercio. Occupa-se dos preços do custo; calcula-se os beneficios e as perdas dos empresarios e dos fabricantes; mas nunca ainda o principio de justiça e paz publica, que quer que o producto liquido se partilhe entre o trabalho e o capital tem gozado o destino que lhe pertence nas negociações officiaes. O interesse dos salarios não vem senão indirectamente e depois. Não está entretanto distante o dia em que esta consideração será predominantemente na preparação dos tratados de commercio, e em que taes tratados serão feitos expressamente com o fim de regular de uma maneira geral e mais favoravel a quota pela qual o salario poderá participar do producto liquido; bem entendido sem que se tenha feito nenhuma offensa à perfeita liberdade dos contractos particulares.

A instituição das camaras syndicaes, que já presta tão relevantes serviços nos casos de demanda e liga, gozará dentro em pouco um grande fim na preparação dos tratados de commercio e na elaboração dos direitos da alfandega.

Continúa.

PARIS

O BAIRRO LATINO

Não é já o velho bairro latino com os seus predios esguios e as suas ruas estreitas e escuras, onde os inquilinos d'um lado, para chegarem à janella, tinham que enfiar a cabeça pelas janellas fronteiras. Ruas impossiveis onde o sol penetrava a medo e predios de uma altura infinita, onde se accumulavam populações de cincoenta a setenta estudantes.

Hoje d'esse velho Paris, de Mürger e Balzac, só restam, como exemplares archeologicos, alguns beccos humildes e insalubres onde os sapateiros de escada exercem a sua industria barata.

Boulevards, squares, ruas espaçosas e largas dão passagem ao ar e à luz e, se com isto perdeu o velho bairro a sua feição pittoresca e romantica dos bellos tempos de então, os habitantes ganha-

ram muito, recebendo em hygiene o que perderam em romantismo.

Qualquer dos boulevards Saint-Michel ou Saint-Germain, que atravessam perpendicularmente o bairro latino, como os eixos de uma grande ellipse, têm aproximadamente o mesmo aspecto das grandes boulevards que vão da Magdalena a Bastilha. O mesmo luxo de construções, igualmente amplas e vastas, aqui feitas pelo mesmo plano. Mas o movimento, a vida que n'elles circula, o aspecto da população, as suas occupaões e exterioridades são caracteres typicos e profundamente caracteristicos que fazem d'esta parte de Paris como que uma outra cidade, muito diversa e distincta, no meio da capital.

Ruas vastas e espaciaes, como as ruas de Rennes, Vaugirard, Gay-Lussac, Mallebranche e Soufflot, os jardins de Luxembourg e das plantas; o Square Saint-Jacques e o de Cluny; as praças Saint-Michel e Odeon e os dois grandes boulevards Saint-Michel e Saint-Germain, tudo, na maior parte, de construcção moderna, modificaram completamente esta parte da capital, a sua parte talvez.

E' uma especie de ellipsoide, limitado pelo Sena, ruas du Bac e Notre Dame des Champs, boulevards de Enfer e Arago, rua Budon e Jardim das plantas.

Mas a população é relativamente enorme; talvez um dos bairros mais habitados de Paris. E' sobretudo nas pequenas ruas estreitas e escuras, como as ruas Tullier, Valdele, Laplace e de la Paroissierie, que a população se accumula de uma maneira extraordinaria em predios esguios, que parecem flautas, enegrecidas e velhas. Gente pobre, pequenos industriaes e negociantes de vão de escada. Sapateiros, alfaiates, brocanteiros e, ás portas das casas, n'uma especie de balneicas cavadas na parede, umas cosinhas phantasticas, onde se fregem batatas, crêpes (1) e peixes do Sena, alimentação principal de muitas habitantes do sitio — operarios, costureiras, estudantes pobres, bohemias na maior parte, e gatos, gatos de uma fecundidade enorme que alli se reproduzem aos milhares, felizes e agasalhados, no calor de uma população densissima!

São umas ruas originaes e curiosissimas, magnificas em aguas-fortes para a illustração de contos phantasticos e que Doré reproduziu com uma exactidão enorme, em muitos dos seus desenhos.

Mas, como disse, são raras já essas ruas e os proprietarios de predios, nas poucas que ainda existem, podem já ir contando com os cobres da expropriação.

E' o bairro dos livreiros, dos estudantes e principalmente dos estudantes, dos professores, dos medicos, dos magistrados e das — costureiras! São alli os tribunaes e as principais escolas e institutos scientificos da França.

A Sorbonne; a escola de medicina; a escola de direito; o Instituto; o Collegio de França; a escola de minas; a de pontes e calçadas; a escola de bellas-artes; a escola de artes decorativas; o observatorio; tres ou quatro lycées; a academia de medicina; a sociedade de biologia; os cursos de sciencias naturaes do Jardim das Plantas; os musens de historia natural, Bupuytren, de ethnographia, de anthropologia e de anatomia comparada; a escola de estado-maior; a escola normal; a escola de pharmacia; a escola polytechnica e, entre outros, os hospitaes de la Pitié, du Val de Grâce, du Midi, de la Maternité, des Enfants malades e de la Charité. Adicione-se a tudo isto uma quantidade enorme de escolas e estabelecimentos de ensino particular.

E' positivamente o bairro dos estudantes. Sete a oito mil e, como se vê, não é pequena a cifra. *Le quartier latin ou des écoles. Le pays latin*, como Mürger lhe chama.

O estrangeiro que atravessa Paris na imperial de um omnibus basta que olhe as esquinas para reconhecer o bairro de que lhes fallo.

Ao atravessar a margem esquerda em cujos caes se exerce, desde tempo fabulosos o commercio de livros velhos, dispostos em taboleiros ao longo das muralhas, começam logo a apparecer pelas esquinas os annunciadores de uma infinidade de cursos publicos e particulares, em cartazes de todas as cores e formatos. Linguas, sciencias, historia e litteratura.

Cursos livres de anatomia, physiologia, pathologia, anthropologia, litteraturas grega e latina, historia universal, chimica biologica, zoologia, hebreu, saoskrit, chinês, armenio, persa, arabe, turco, portuguez e — malayio!

Não julgue o leitor que exaggero. O que sinto é não lhe poder dizer qual o professor phantassista que se entrega em Paris ao ensino da nossa lingua. O seu nome não apparece nos cartazes do mesmo modo talvez que os discipulos lhe não appareçam no curso. Graio mesmo que ha certos professores que pagam para ter alumnos.

Professores de chinês, de armenio, de malayio... Que diabo!

Mas annunciios d'esses abundam enormemente — pelas esquinas, pelos kiosques, nos abarracamentos dos predios em construcção, nos muros das casas, em toda a parte emfim onde é possível collocal-os. Ao lê-las o estrangeiro orienta-se e sabe positivamente em que bairro entron. Mas a maior parte das vezes limita-se a visitar Cluny, Luxembourg e o Pantheon, e parte sem que vá

(1) Bolos de farinha amassada.

formando a mais pequena idéa do que seja esta vida tão curiosa e interessante de mocidade e estudo e que em parte alguma se define tão caracteristicamente como aqui.

E', como disse, uma cidade à parte, com os seus hábitos, os seus costumes e a sua vida própria e original, muito diversa da vida do outro lado da Paris dos boulevards, do Palais Royal, do fêch Roche e do Fontani, da Maison Doré e do quartier Breda....

O bairro latino é uma espécie de paiz livre e independente, onde o estudante vive uma vida à vontade, como em tenção seu, como em casa sua, com cafés baratos e mulheres que não são caras. O Sena é uma fronteira que elles raras vezes atravessam, e inspiram-lhes mesmo um certo desdém a gente do outro lado, o mundo da finança, dos *gymnastes* e dos *boulevardiers*.

Lembra-me um pouco Coimbra—muito pouco—uma Coimbra crystalizada, mais limpa e muito mais moderada, sem as catástrofes cathedraes e sem o Quilra-Costas, mas cidade de estudantes, onde elles tem toda a liberdade e predomínio.

Houve tempos em que o bairro latino era o terceiro burguez, como Coimbra ainda é actualmente o terceiro do futuro!

Bellos tempos romanticos dos largos chapéus pontagudos e caballeiros nerovingianos, de uma bohemia feroz e desgranhada, de que foi historiar e poeta e maior dos bohemios — Mürger.

Foi o tempo das Mimis, das Mussettes e das grandes borracheiras de absinthio, nos cafés de *la Regence* e de *la belle Paule*, onde se reuniam à noite Musset, Gladel, Mürger, Vallé e o impassível e correcto Baudelaire. Era ali que Musset passava a maior parte das noites, a'uma embriaguez completa, estendido debaixo das mezas. Mürger, envelhecido e calvo, com uma voz cheia de commoção, improvisava e cantava:

« Hier, en voyant une hirondelle
Qui nous ramenait le printemps,
Je me suis rapallé la belle
Qui m'aima quand elle eut le temps! »

E caia, fulminado pelo alcohol sobre uma cadeira proxima.

Mas tudo isso passou. Os cafés de *la Regence* e de *la belle Paule* já não existem. Os antigos romanticos e desgranhados de outro tempo encalveceram. Uns morreram; outros encontraram editor e vivem tranquilos e retirados, como Gladel, na sua pequena casa de campo, d'onde assiste ao triumpho dos seus livros; e ás velhas gerações romanticas de 1830 e 1850 succedeu-se uma geração mais pratica e positiva de estudantes e artistas, que, sem serem a excentricidade e o espanto do burguez, são no entanto a mocidade e a alegria.

(Continua)

OS SOES OU AS ESTRELLAS FIXAS

O sol que nos allumia é simplesmente uma das innumereáveis estrellas que povoam os espaços celestes, e não tendo nada que o distinga d'estes astros, a não ser a distancia relativamente insignificante que d'elle nos separa. E' porque está mais aproximado que adquire maior importancia pela influencia que exerce sobre a terra; se elle se achasse repentinamente transportado ao meio das escolhas mais proximas de nós, apenas quando muito poderíamos com a vista desarmada aperceber como uma estrela de sexta grandeza; elle deixaria completamente de aquecer o nosso planeta, de atirar-lhe o egual ao seu curso.

E o que é que nós sabemos d'estes astros brillantes que, á primeira vista, parecem unicamente destinados a embellezar a abóbada celeste? Em presença d'essa immensidade que se desenrola aos nossos olhos, o homem sente-se bem pequeno, e a admiração parece dever ser a unica homenagem que elle possa prestar ao Creator de tantas maravilhas. Mas, por pequenos que sejamos, podemos estender o dominio dos nossos conhecimentos até essas distancias incalculaveis, e a nossa admiração será tanto mais legitima, quanto ella será mais esclarecida. Experimentemos pois dar uma conta exacta do que a sciencia pode actualmente ensinar-nos sobre a astronomia estellaria. Estes estudos têm, desde alguns annos a esta parte, feito grandes progressos; e se ha sem duvida com interesse uma discussão summaria, mas bastante profunda, dos immensos trabalhos devidos a Herschel, Struve e alguns outros astrónomos modernos.

I

SYSTEMAS ESTELLARIOS

Sabemos que as estrellas são distribuidas em grupos formando systemas semelhantes ao systema solar ao qual nós pertencemos. As leis da atracção produzem e regem o movimento d'esses astros longinquos, da mesma forma que a circulação dos planetas em volta do sol. Os systemas mais simples constituem as estrellas duplas ou triplicadas; são outros tantos sóes tendo os seus cortejos de planetas que descrevem em volta d'elles circulos ellipticos. Esses planetas não differem dos nossos senão em um só ponto: elles são ainda incandescentes, e por consequencia luminosos por si mesmos; elles allumiam-nos com uma luz que lhes é propria, e não com uma luz estranha viado reflectir-se na sua superficie. E' esta circumstancia que nos permite distinguil-os a uma grande distancia, observar as posições que occupam successivamente e calcular os circulos que descrevem.

Tem elles tambem satellites occultos? E' natural suppor-o, mesmo a priori. As irregularidades observadas no movimento proprio de Sirius fizeram desconfiar durante muito tempo da existencia de um astro semelhante circun-

lando em volta d'essa magnifica estrella; ultimamente descobriu-se esse satellite, mas viu-se que elle era luminoso de si mesmo, e que o seu brilho equalava pelo meo aquelle d'uma estrella de sexta grandeza. O que fez demorar esta descoberta e o que a tornou muito difficil d'aperceber-se, é o brilho da estrella principal, os raios da qual escondem ordinariamente a pouca luz que elle nos envia.

Uma outra estrella, Aigol (B de Persen), prova-nos dierectamente a existencia dos satellites occultos, pelas variações regulares que ella soffre, e que não podem ser senão occultações produzidas por um corpo opaco passando diante do astro radiante. O periodo d'essas variações é de 2 dias 20 horas 48 minutos e 58 segundos. Por isso, depois de 13 horas, o seu brilho é constante e colhe-o unico as estreitas de segunda grandeza; depois começa a afrouxar, e, no fim de tres horas o meio, he reduzido a menos de quarta grandeza; permanece nesse estado durante cinco ou seis minutos o maximum, e leva para recobrar de novo o seu completo brilho, um intervalo igual ao precedente, duas horas e meia. Essas variações são phenomenos em tudo semelhantes aos nossos eclipses; assim se suppunha desde muito tempo, mas as ultimas descobertas espectroscopicas tem-no plenamente demonstrado; porque as variações d'essa estrella não podem, como aquellas de muitas outras, serem attribuidas a mudança sobrevindas no poder absorbente da sua atmospheria.

Não é bastante que duas estrellas pareçam muito approximadas para constituir o que mais especialmente se designa sob o nome de estrella dupla; é preciso ainda que ellas estejam realmente bastante proximas para se influenciarem mutuamente, e formar um systema á parte. Até ao presente não ha senão quinze systemas d'esses que sejam perfectamente conhecidos para que se tenha podido determinar completamente as suas revoluções e calcular os elementos de suas orbitas; mas ha um maior numero de que se pode com certeza affirmar a conexão physica. Assim de 1334 estrellas duplas observadas por Struve e verificadas no observatorio do Collegio romano, achou-se que um terço tinha um movimento relativo certo e muito notavel. O numero dos systemas binarios ou ternarios irá crescendo com o tempo, o unico elemento que falta actualmente aos astrónomos, e do qual elles não podem dispor segundo o seu desejo. Não haverá talvez senão meio seculo que se começou a fazer sobre este objecto boas observações, e já foram vistos muitos d'esses sóes effectuarem uma completa revolução (de Herenlos, trinta e seis annos; — da Corda boreal, quarenta e tres annos; — de Cancer, cinquenta e nove annos; da grande Ursa, sessenta e tres annos.)

O numero das estrellas duplas é já approximadamente igual ao numero das estrellas visíveis á vista desarmada, e elle não cessa de augmentar.

Além d'estes systemas mais simples, ha grandes monstros globulares, chamados *clusters* em inglez, compostos de uma multidão literalmente innumeravel de pequenas estrellas, a densidade das quaes cresce proximo ao centro de uma maneira prodigiosa, sem que entretanto esses astros cessem de ser distinctos, como se pode ficar convencido pelas observações feitas com o espectroscopico. Se se começa pelas Pleiades, o grupo de Cancer e o de Persen, que os oculos de meos alcance são capazes de resolver, pode-se, passando por uma graduação progressiva, chegar a systemas que exijam mais poderosos instrumentos. Ainda, para estes ultimos, só a extremidade d'esse ajuntamento é decomposta em uma myriade de pontezinhos brilhantes, ficando o centro indacomposto.

Nós achamos systemas mais complicados nas nuvens de Magellan, no grupo da constellação septentrional e nas massas mais estranheadas do que as outras que fazem ressaltar a via-lactea. Mas, independentemente d'estes pontos mais notorios, a via-lactea fórma no seu conjunto a parte principal do Cão, e é possível que para nós, ella constitua por si só o universo estrellado. Esse cumulo que nos rodeia e do qual o nosso sol faz parte não é provavelmente, apesar da sua immensidade, senão um dos grupos innumeraveis que constituem a creação!

É impossivel conhecer de uma maneira exacta a estrutura d'esse cumulo e o modo de agrupamento das estrellas que o compõem. Mas, nas questões d'este genero, deve-se renunciar obter algarismos exactos, provas rigorosas para cada caso particular; é necessario contentar-mo-nos com os valores chamados medianos e basear-se nos resultados provaveis, que, ainda algumas vezes é difficil constatar. Com effeito, para conhecer a forma da via-lactea, seria preciso poder determinar a distancia relativa de cada um de seus pontos, e a sua profundidade nas diferentes direcções. Ora, é absolutamente impossivel resolver estas questões directamente e com exactidão, pois que nós não temos meio algum de determinar a distancia absoluta das estrellas. Se se exceptuar duas ou tres, ellas não tem paralaxe annual apreciavel. Nós estamos pois reduzidos a empregar meios indirectos, que apresentam sempre uma incerteza maior ou menor; muitas vezes tambem os resultados, ainda os mais provaveis, são refutados pela observação dos casos particulares. Entretanto, logo que a massa dos elementos é muito consideravel, os resultados merecem bastante confiança para que se possa substituir os aquelles que dariam directamente as observações ás quaes se não pode recorrer.

Os calculos que temos a fazer devem ser dirigidos da mesma maneira que em certos problemas de estatistica, onde se chega a leis gerais e certas para o todo sem que nada se possa prever do que diz respeito aos casos particulares. Assim, ainda que seja impossivel designar anteci-

padamente o individuo que commetterá tal ou tal crime, é no entanto indubitavel que na massa social haverá um certo numero de crimes semelhantes commettidos no correr de cada anno. Da mesma forma, na questão que nos occupa comquanto nos possamos enganar attribuindo a uma estrellha tomada em particular tal ou tal distancia achada pelos methodos desusados, nem por isso é menos verdade que essa distancia é a média geral; o que é sufficiente para resolver o problema. A unica precaução a tomar n'estas circumstancias, para evitar os erros, é empregar um grande numero de elementos, adim de que, no todo, as excepções possam contrabalançar-se e desaparecer. Nós poderemos provar, que estas precauções foram tomadas pelos astrónomos que se occuparam d'esta questão delicada.

(Continua)

BOM NEGOCIO

A FILIPPO D'ALMEIDA

Abeação-os o padre. Estão casados.
No coro alegres hymnos arrebatam.
Os circumstantes tímidos, pasmados,
Do par a formosura e os bens commentam.

Soluço a noiva. As lagrimas augmentam
Do seu rosto mimoso os tons rosadas;
Os amigos do noivo, apressurados,
Seus parabens sinceros apresentam.

E' elle um anadado toucinheiro
Avarento, pãnsado, sensual,
De estupidéz repleto e de dinheiro.

— Tristememente scismatico, imagino
Todas as tempestades do destino
D'aquella flor entregue a este animal.

Dezembro 1879.

VALENTIM MAGANHÃES.

PAIXÃO

A CARLOS MORAES

Sabes o que é amor o que é paixão, disseste.
Ha dentro em nosso peito um musculo, que sente,
Que falla, chora e ri desconhecidamente
Chamado coração... e tu nunca o tiveste!

Um dia — e vou dormir á sombra d'um cipreste —
Mas heide-me arrancar o coração doente,
E dar-t'o, como quem dá um funebre presente,
Que te sirva de enteite á esponsalicia veste.

E então n'um gesto altivo e nobre e largo e franco
Esmaga-o sob os teus pés, com o teu sapato branco
Assim como quem esmaga um pequenino cão.

Elle hade arrebatentar, n'um ai de cruas dôres,
Uma grande explosão fantastica de amores:
Depois comprehenderás o que era uma paixão b..

F. D'ALMEIDA.

EXPEDIENTE

Cumprimos um dever de gratidão, agradecendo a remessa de importantes jornaes, tanto do Imperio como da Europa, com os quaes regularmente temos sido obsequiados.

Igual obsequio temos recebido com a offerta de alguns livros, feita por seus autores ou editores; e a uns e outros nos confessamos agradecidos.

O Sr. Dr. A. G. de Miranda Azevedo offereceu-nos um exemplar do seu folheto — *Frederico Fomm*, apontamentos biographicos.

Em quinze paginas, escriptas a traços largos, dá-nos o auctor os dados biographicos d'aquelle negociante e industrial illustre, arrancando-o ao esquecimento nacional e collocando-o na altura de que a injustiça o apeára.

Todo o livro tendente a reconstruir, como todo o livro tendente a glorificar com justiça, revela uma honradez digna de applauso. E' assim o folheto do Dr. Miranda Azevedo. Elle reentrega a Frederico Fomm, desinteressadamente, a gloria de que a protecção official inundara o visconde de Mauá.

Frederico Fomni foi um honrado negociante allemão, residente em Santos, que primeiro trabalhou para os progressos materiais de que hoje goza a provincia de S. Paulo, esforçando-se pelo estabelecimento de uma linha de paquetes entre o porto de Santos e a Europa, e organisando intelligentemente com o engenheiro inglez Moray o plano grandioso de uma linha ferrea de communicações entre Santos e o interior da provincia. Segundo a concessão dada pela Assembléa Provincial de 1830 á firma Vianna Aguiar, Filhos & C., de que era socio Frederico Fomni, a linha ferrea devia partir de Santos subindo a serra do Embatão, por meio de planos inclinados, e dirigir-se para o centro.

Não podendo realizar esta grande idéa de civilização e de progresso, por falta de apoio de seus concidadãos e do governo, dirigio-se a Londres onde soffria revezes que o impossibilitaram tambem.

Quando falleceu, a 15 de Setembro de 1847, diz o Dr. Azevedo, todos os papéis relativos a essa estrada de ferro de S. Paulo, com as respectivas plantas e orçamentos, foram confiados por sua viúva ao marquez de Meskalegre, seu parente. Este os entregou ao visconde de Mauá, seu protegido, e serviram de base aos estudos da actual via ferrea de Santos a Juiz de Fora, estudos que aquelle vendeu á companhia ingleza pela quantia de quarenta mil libras esterlinas; como vendeu todas as concessões lucrativas, privilegios e monopolios, com que o governo do Sr. D. Pedro II apraveu pagar-lhe os serviços que prestou á politica imperial no Rio da Prata.

E, pois, um trabalho inspirado n'um sentimento de justiça e de que muito aproveitou a historia da Provincia de S. Paulo.

Comprimentando o Dr. Miranda Azevedo, agradecemos a graciosa offerta.

REVISTA COMMERCIAL

SEGUNDA QUINZENA DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1879

CAMBIO:

O mercado fechou muito firme, tendo sido menos que regulares as operações realizadas em papel sobre Londres, durante a quinzena. A taxa de 23 1/4 foi para papel negociado sobre Caixa matriz, mas pela tendencia de alta que o mercado apresenta será esta taxa generalizada. Fechou, pois, o mercado com as seguintes taxas bancarias:

Sobre Londres	23 1/8 e 23 1/4 d/ a 90 d/v
» Paris	41 1/2 por fr.
» Hamburgo	510 » m.
» Portugal	233 a 3 d/v

O movimento da Bolsa foi insignificante durante a quinzena, com poucas vendas e offertas limitadas; tendo regulado as cotações como segue:

METALLES:

	Preços extremos	De venda	De compra	Negociado
Maximo	11\$038	10\$830	10\$830	10\$830
Minimo	10\$820	10\$500	10\$800	10\$800

FUNDOS PUBLICOS:

De 6 %	Maximo. 1:014\$	1:028\$	1:030\$
Minimo. 1:010\$	1:002\$	1:030\$	
Restimo Nacional de 1868	Maximo. 1:120\$	1:100\$	
Minimo. 96%	92%	94%	
Emprestimo Nacional de 1876	Maximo. 94 1/2%	92%	94%
Minimo.			

LEVAS HYPOTHECARIAS

Do Banco do Brasil:

(2 c)	88%	—	—
(3 c)	88%	82%	—
(11 c)	80%	85%	—
Do Banco Prudial	78%	75%	76 1/2%

AÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos:

Brasil	Preço minimo	265\$000	260\$000	262\$000
Commercial	» »	220\$000	212\$000	—
Commercio	» »	185\$000	180\$000	180\$000
Industrial	» »	216\$000	209\$000	215\$000
Mercantil de Santos	» »	—	—	210\$000
Prudial	» »	150\$000	—	130\$000
Natal	» »	235\$000	237\$000	—

Companhias d'estrada de ferro:

Leopoldina	Preço minimo	—	204\$000	205\$000
» Deb.	» »	200\$000	206\$000	207\$000
Macaé e Campos	» »	68\$000	60\$000	—
Petropolis	» »	200\$000	—	—
S. Paulo e Rio	» »	100\$000	—	—
» Deb.	» »	200\$000	—	—

Sorocabana.

(Deb. de £ 50)	» »	70%	70%	—
(» » 100\$000)	» »	60%	58%	—
União Mineira	» »	200\$000	—	—

Companhias de bonds:

Niteroiense	Preço minimo	—	20\$000	—
S. Christovam	» »	300\$000	290\$000	—
Urbanos (carris)	» »	212\$000	210\$000	212\$000
Villa Isabel	» »	200\$000	180\$000	195\$000

GENÉROS

Café: Desde a nossa ultima resenha do dia 15 do passado, o mercado tem permanecido quasi em estado de apathia. As vendas neste intervalo não passaram de 86.156 saccas, e como estas transacções, na maior parte em pequenas parcelas, assim mesmo resolvemos apresentar cotações.

As entradas regularam-se:

Media diaria.....	6.300 saccas
Durante a quinzena.....	101.000 »
» o mez.....	254.000 »
No trimestre de Outubro a Dezembro...	1.062.700 »
Em igual periodo de 1878.....	1.071.700 »

Despacharam-se:

Durante a quinzena 50.858 saccas no valor de 1.719.085\$40. — Em todo o mez 118.472 saccas no valor de 4.221.783\$40. — No trimestre de Outubro a Dezembro 729.195 saccas no valor de 25.465.310\$290.

A sahida do artigo teve o seguinte destino:

EMBARQUES

	Canal, Norte e Mediterraneo	
Na 2ª quinzena de Dezembro...	82.885	
Em todo o mez de Dezembro...	44.517	
No trimestre de Out. a Dez...	143.624	
	Cabo E. Unidos	Dif. portos
Na 2ª quinzena de Dez...	2.970	44.989
Em todo o mez de Dez...	2.970	89.909
No trimestre de Out. a Dez...	14.140	634.822

A existencia, em 31 de Dezembro, é computada em 372.000 saccas.

COTAÇÕES

Lavado e adoçado.....	Nominal	
Fino e superior.....	626 a 653	
1ª Boa.....	605 a 606	
Primeira.....	565 a 578	
Regular.....	531 a 551	
2ª Boa.....	483 a 503	
2ª Ordinaria.....	425 a 463	

Assucar: Chegaram alguns supprimentos de assucar branco de Pernambuco e pequenas parcelas tem sido vendidas para refinadores afim de poderem fazer suas misturas, visto que ainda se acham surtidos com genero de engenhos centraes. Fez-se uma venda importante em assucar-mascavo de Campos para especulação. Continua a faltar no mercado o genero do Aracaju. As vendas dividiram-se da seguinte forma:

Pernambuco.....	430 saccas
Campos.....	9.000 »
Ficam em ser:	
Pernambuco.....	1.200 »
Maceió.....	150 »
Campos.....	17.000 »
Pernambuco, branco, 3ª, de.....	305 a 320
Maceió, branca.....	295 a 300
» mascavo.....	Nominal
Campos, branco, engenhos centraes.....	290 a 310
Mascavinho.....	223 a 238
Mascavo.....	165 a 210

Feijão: — O mercado não tem melhorado depois de nossa ultima revista e fecha regularmente supprido, especialmente das procedencias — Rio Novo e Goyaz, que são as qualidades que actualmente mais abundam, tendo alguma procura — common bom. Os embarques continuam em pequena escala, não tendo melhorado a posição dos mercados consumidores do Imperio e Rio da Prata.

Comquanto quasi nominaes, o mercado fecha com as seguintes cotações:

Goyaz.....	1.300 a 1.500
Rio Novo e Pombal.....	900 a 1.300
Common bom.....	600 a 700
» regular.....	400 a 600

Toucinho: O mercado achase abundante e paralyzado; as entradas têm-se mantido regulares, mas tendem a augmentar. Os preços baixaram 100 rs. por kilo, no limite maximo. Cotamos, o de Minas, de 460 a 560 por kilo.

Queijos de Minas: Cotamos de 800 a 1.200.

Carne verde: Durante a quinzena que passamos em revista regulou o preço — Rez viva — de 6\$900 a 7\$000 por arroba, na praça, em Maxambomba, havendo abundancia de gado, mas de qualidade inferior.

Os preços no matadouro regularam de 240 a 440 por kilo.

Aviso

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua 1ª de Março n. 78, sobrado.

Recebem-se annuncios para a capa, ao preço de 5\$000 por cada oito centimetros de altura, ou 15\$000 por anno, para o mesmo espaço — como se vê dos dois insertos na capa d'este numero.